

*Santa
Bárbara
de Nexe*
A História, a Igreja e a Memória

SEPARATA

**As Memórias
Emanuel Andrade Sancho**

Coordenação

João Pedro Bernardes
Luís Filipe Oliveira

—
Anabela Lourenço
Ana Margarida Pereira
Emanuel Andrade Sancho
João Luís Fontes
Jorge Correia
Marina Évora

FICHA TÉCNICA

Coordenação

João Pedro Bernardes
Luís Filipe Oliveira

Textos

Anabela Lourenço
Ana Margarida Pereira
Emanuel Andrade Sancho
João Luís Fontes
João Pedro Bernardes
Jorge Correia
Marina Évora

Fotos e imagens

Museu Municipal de Faro/Hélio Ramos (foto 01)
IGEOE/SIG C. M. Faro (mapa 1)
Projecto SIGMA/U. N. Lisboa (mapas 3 e 4)
Biblioteca Nacional (mapas 5 e 6)

Design Gráfico e Paginação

designer Teresa Lucas [teresalucas@gmail.com]

Pré-impressão e Impressão

Gráfica Gomercial, Loulé

ISBN 989-20-0366-7

978-989-20-0366-5

Depósito Legal 250574/06

N.º de Exemplares 500

Santa Bárbara de Nexe 2006

Junta de Freguesia de Santa Bárbara de Nexe



Portugal-Espanha
Cooperação Transfronteiriça
INTERREG III A
Cooperação Transfronteiriça
Espanha-Portugal

Colaboração

Museu Municipal de Faro
Centro de Estudos de Património da Universidade do Algarve

 **MUSEU MUNICIPAL DE FARO**



A IGREJA	189
1. A ermida de Santa Bárbara Os testemunhos escritos	191
2. A ampliação da ermida	192
2.1. Os vestígios quinhentistas	193
3. As transformações dos séculos posteriores	198
3.1. A igreja como teatro barroco	198
3.2. O espaço interior: a talha, a imaginação, a escultura e a pintura	199
3.3. O terremoto de 1755 e as novas construções	202
AS MEMÓRIAS	209
1. Definição de um território	211
1.1. A água	211
1.2. A pedra	222
2. As gentes	234
2.1. Janeiro faz o palheiro	234
2.2. Em Fevereiro sobe ao outeiro	235
2.3. Março marçagão	237
2.4. Em Abril águas mil	238
2.5. Em Maio queima a velha as penas do papagaio	239
2.6. Em Junho apanhava-se a palma	240
2.7. Julho e Agosto era tempo de muito trabalho	242
2.8. Em Setembro fazia-se a ceira dos figos moles	244
2.9. Outubro das primeiras chuvas	245
2.10. Em Novembro faziam-se as primeiras sementeiras	247
2.11. O mês das novenas	248
Apêndice Documental	255
Índice e Bibliografia	279



As Memórias

Coordenação e redacção final
Emanuel Andrade C. Sancho

Levantamento fotográfico, entrevistas e trabalho de arquivo
Paola Camillo, Patrícia Afonso e Marta Carapinha

O texto que se segue é um exercício na área da História Oral que se utiliza quase exclusivamente da memória viva de um grupo restrito de pessoas com percursos de vida de algum modo relacionados com a Freguesia de Santa Bárbara de Nexe.

Haveria muito a dizer acerca da fluidez da memória e da sua cumplicidade com a imaginação, daquilo que o indivíduo ou a sociedade julga dever ser lembrado ou votado ao esquecimento. Ainda assim, a memória é a forma de registo mais intrínseca e primordial que possuímos. A sua passagem para um suporte de gravação de som ou a sua conversão em texto escrito é quase um gesto de deslealdade: o que nasceu pleno de dinamismo, criatividade e carácter transitório, transforma-se, quase sem aviso, numa peça estática e definitiva.

O presente trabalho, ao utilizar abundantemente transcrições de entrevistas orais, viu-se frequentemente confrontado com a necessidade de intervir ao nível da pontuação, da sintaxe e da própria construção das frases. Que as alterações se tenham verificado apenas na forma e não no conteúdo são os desejos sinceros dos autores.

Os conselhos e o apoio concretizado de variadas formas por José da Cunha Duarte, Afonso Cunha, Francisco Lameira, Fernanda Sancho e a inspiração encontrada em *Um Algarve Outro contado de boca em boca* de Glória Maria Marreiros, não devem passar sem um sinal de reconhecimento. A Junta de Freguesia, nas pessoas do seu presidente Dr. Leonardo de Abreu mas também dos funcionários, a Casa de Repouso de Santa Bárbara, em particular o Prior Dr. Júlio Tropa, todos foram incansáveis no apoio prestado. Porém, os informantes que pacientemente nos receberam em suas casas e connosco partilharam as suas memórias de vida são os verdadeiros protagonistas deste texto. São eles: Adolfo Pinto Contreiras, Engrácia Barros Contreiras, Idília Mendes Cristina, Jaime Rato, João Madeira Botelho, Joaquim Isidro da Conceição Rosa (Pinto), José Contreiras Teixeira, José Isabel Dias, José Manuel Aniceto, José Pinto Carrusca, Manuel Viegas, Marcelino Mendonça, Maria Almerinda Cavaco Relva, Maria Bexiga Pires, Maria Celeste Viegas do Vale, Maria de Sousa, Maria Inácia Filipe, Maria Romana Viegas e Maria Teresa Ramos.

1. Definição de um território

1.1. A água

Habitação

A *Casa de Fachada e Platibanda*¹, também chamada *Habitação do Algarve Central*², surge grosso modo na zona do denominado barrocal algarvio. Trata-se de uma justaposição de volumes geométricos simples que permitem a harmoniosa convivência de uma cobertura de telha, com forro interior de esteira de cana, e a tão útil açoteia suportada por abóbada. As diferentes tipologias de coberturas estão particularmente adaptadas à recolha das águas das chuvas. Trata-se de um modelo que veio sendo aperfeiçoado desde finais do século XIX, e que conhece o seu apogeu durante as primeiras décadas do século XX.

A fachada deste tipo de casa constitui-se como uma verdadeira tela em branco onde a criatividade popular

1 Terminologia adoptada por Jacinto Palma Dias, João Brissos, *O Algarve revisitado*, Lisboa, Festa do Livro, 1994, pp. 5-21

2 Terminologia adoptada pela Associação dos Arquitectos Portugueses (Cf. *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988, Vol. 3, p. 256).

encontrou uma oportunidade de expressão. A chaminé e o muro frontal da açoteia, a que chamamos platibanda, rematam o conjunto num expoente decorativo que reflecte valores culturais de grande relevância. A cor, as texturas, os elementos decorativos e a procura das estradas mais concorridas e dos altos mais avistados completam este jogo.



As pessoas mandavam fazer as portas das casas com cantarias de pedra, com a data e uns desenhos na verga. Muitas vezes era uma florinha em pedra. A gente gostava, era bonito e servia para enfeitar. Havia também a platibanda pintada sempre com uma cor diferente. Os pedreiros faziam aqueles desenhos com uma massa feita com cal amassada com areia e cinza. Toda a gente gostava de ter a frente da casa bonita. A dona da casa escolhia os desenhos, mas eram os pedreiros que davam a iniciativa, pois já estavam práticos naquilo. Havia sempre uns pedreiros mais habilidosos que outros. Quanto mais antigos, melhor sabiam fazer as platibandas. Também se faziam as chaminés gordas e bonitas com uns cataventos em cima que serviam para espantar os pardais que gostam de meter lá para dentro³.

Maria Bexiga Pires (Avó Pires)
n. Barreiras Brancas, 1922
moradora em Benatrite desde 1940

Maria Teresa Ramos
n. Telheiro, 1931



A casa do meu pai era pequena. Como tinha um bocadinho de rua ele fez mais duas casinhas ao lado. O quarto e uma casa de fora. Lá tinha nascido e lá vivi com o meu marido. Tive dois filhos; ali nasceram e ali se criaram. Eram duas ou três casinhas para uma remessa de gente. Também mandei fazer uma cisterna. Mesmo assim tínhamos de ir ao poço. Era só uma reserva⁴.

Maria Celeste Viegas do Vale
n. Bordeira, 1923

Subsistência

A exuberância de cores e formas deste modelo de habitação contrasta com as dificuldades na obtenção de água que, desde sempre, afectou a vida das pessoas e o tipo de agricultura de subsistência que se praticava. O

3 FB21-MBP-1001-0405, 30.50

4 FB05-CVV-1001-0505, 14.35

regadio era de todo inexistente e o sequeiro – o *pão*⁵, o milho, a fava, o grão, a lentilha, a ervilhaca e o *griséu*⁶ – aprisionava o homem às contingências da natureza. A azeitona, a alfarroba, o figo, a *boleia*⁷ e a amêndoa eram as culturas arbóreas tradicionais que representavam uma parcela fundamental da dieta humana e animal. Nestas circunstâncias, a agricultura revelava-se insuficiente para garantir os padrões mínimos de sobrevivência.

Ao longo do séc. XX, vários expedientes surgiram para colmatar as dificuldades naturais. De uma maneira geral, as actividades relacionadas com a pedra – cabouqueiros, pedreiros, fabricantes de cal, canteiros, etc. – ocuparam contingentes importantes da população que, quando não encontravam espaço na freguesia, procuravam-no nas vizinhanças, com particular acuidade em Faro. Nesta cidade, as oficinas de canteiros e escultores eram quase invariavelmente propriedade de naturais ou originários da freguesia de Santa Bárbara de Nexe.



Foto 28
Chaminés da freguesia

⁵ O fruto das searas, o trigo (J. P. Machado, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol.1, p.584).

⁶ Ervilha madura (J. P. Machado, *op. cit.*, vol.III, p.265).

⁷ Fruto do carvalho e da azinheira; bolota (J. P. Machado, *op. cit.*, vol.I, p.584).

Os habitantes do sítio dos Gorjões, logo a partir das primeiras décadas dos séc. XX, seguiram as pisadas dos pioneiros António José do Estanco e Manuel Pinto Contreiras que se especializaram na construção de estradas.



Os construtores de estradas do sítio dos Gorjões surgiram antes do Estado Novo, sendo António José do Estanco o primeiro grande construtor de estradas. Assim, desde os primeiros anos do século XX, nasceram novas profissões – o cilindrador, o espalhador, o alisador, o alinhador e o capataz. O sítio dos Gorjões era conhecido como uma terra de construtores de estradas, podendo mesmo dizer-se que nessa altura existiu uma classe de capatazes de estradas⁸.

Adolfo Pinto Contreiras
n. Gorjões, 1939

A rudeza da terra não propiciava muitos ofícios especializados. A excepção era, de facto, a exploração das pedreiras, sendo raras as famílias que não tivessem vários membros a trabalhar nessa actividade. Os serviços, o pequeno comércio na sede da freguesia ou noutro sítio mais populoso, representavam parcelas muito diminutas e com pouco significado no todo da população.

As famílias possuíam com frequência uma ou duas courelas de terra de sequeiro da qual extraíam o rendimento possível, mas sempre insuficiente. O complemento vinha-lhes do trabalho à jorna, nas pedreiras, por onde quase todos passaram, ou na agricultura de alguma casa abastada.



O meu pai chamava-se João de Sousa e era "habilidoso". Fazia qualquer coisa que visse. Mandavam fazer arados⁹, carros... Minha mãe fazia de tudo: trabalhava no campo, ceifava trigo, cevada, feno, apanhava fava, alfarroba, governava a vida. Ia-se trabalhar para longe, p'ra onde calhava. Ao nascer do sol já estávamos ali. As mais das vezes nem o via pôr. Ao nascer, mal o sol dava no meio das árvores já contava um quarto¹⁰ abaixo. Levantávamo-nos de madrugada, antes dele nascer as mais das vezes para fazermos qualquer coisa para levar... Às dez horas almoçávamos. Ao meio dia ou uma hora, jantávamos. Às duas voltávamos ao trabalho. O patrão tinha um capataz que apitava um apito. Éramos dez, quinze ou vinte pessoas a trabalhar. Apitava o apito e era de seguida até o sol se pôr. À noite era a ceia. Era duro. Era "mais que rói".¹¹

Maria de Sousa
n. Benatrite, 1912

8 FB12-APC-1001-0506, 42.00

9 O mesmo que construir arados.

10 Alusão à redução de um quarto de dia (do início da jorna pela manhã até cerca das 10 horas) ao tempo de trabalho remunerado.

11 FB04-MSO-1001-0505, 06.20

Por alguma razão que se perde no tempo, muita gente possuía courelas de semear no Ludo. As terras eram férteis e a água abundante, em contraste com a dura realidade da freguesia. Os cerca de 20 km de distância venciam-se em algumas horas quase sempre roubadas ao sono.

Esta busca da complementaridade observa-se em algumas localidades algarvias. São exemplo o relacionamento "privilegiado" entre Pêra e Armação de Pêra, Olhos de Água e Boliqueime, Fuzeta e Moncarapacho. Além da proximidade geográfica, as causas eram essencialmente práticas, prendendo-se certamente com a busca dos meios de subsistência.

No Ludo havia água todo o ano. No Inverno, assim que a terra dava entrada começava-se logo a semear o trigo pelo Natal. Depois era a batata doce e a batata redonda¹². De lá vinha também o tomate, os griséus... E assim era por diante. Semeava-se tudo de seguida. O dia de rega era em escalada¹³. Cada um tinha um tempo de rega: meio dia ou um dia. Naquele tempo não havia furos. O meu pai e a minha mãe tiravam água à cegonha. Dormia-se junto à terra para se aproveitar a hora da rega. Levavam uma mantinha para se embrulharem. Era do Ludo que vinha a comida p'rá gente todos. Era de lá que o meu pai alimentava os filhos.

Maria Romana Viegas
n. Goldra, 1923



Com um solo pobre, seco e pedregoso, as oportunidades nem sempre surgiam e a procura da sobrevivência em terras estranhas foi uma constante ao longo do século XX. Quer em limitados movimentos migratórios, quer através da emigração para o estrangeiro, à terra de origem quase sempre retornavam os recursos amealhados.

Era nas casinhas que os emigrantes gastavam o que ganhavam no estrangeiro. Faziam uma cisterna, compravam uns bocadinhos de terra, as filhas sempre casavam melhor, lá compravam um anel de ouro ou um fiozito, lá criavam um porquinho para comerem durante o ano... Por isso, a minha casa hoje é toda em cimento armado. Antes, no tempo dos meus pais era de paus, canas e telhas. De Inverno, o vento fugia as telhas e vinha logo água para baixo...¹⁴

José Contreiras Teixeira
n. Palhagueira, 1922



¹² Designação corrente da batata vulgar (ou inglesa), usada para a distinguir da batata doce (cf. E. B. Gonçalves, *Dicionário do falar algarvio*, p.49).

¹³ Em escalada ou que obedecia a uma escala ou horário pré-definido.

¹⁴ FB17-JCT-1001-0505

Poços e fontes

De uma maneira geral, os poços e fontes eram muitos, mas no período estival estes esgotavam-se com frequência. Ainda assim, entre muitos outros, haviam-nos no Canal, no Pé do Cerro, na Silveira, na Goldra, na Canada, no Ponjal, nos Gorjões, em Benatrite e, de uma maneira geral em todos os lugares da freguesia. O povo baptizava-os de "Pocinho das Hortas", "Fonte Santa", "Arrenhado", "Nora", "do Cagalhão", "dos Olivais", "dos Mortos", etc., denominações quase sempre já recebidas dos antigos.

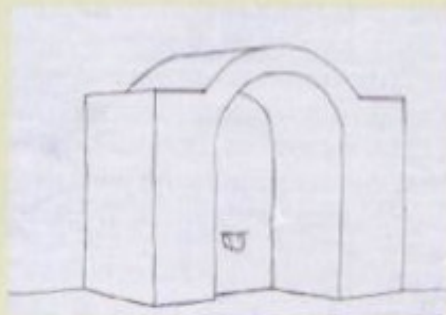


Foto 29
Fonte Particular (Telheiro)
Desenho de Miriam Palácios

Apesar do número elevado de fontes e poços existentes, as Bicas dos Vilarinhos, as fontes da Alface e da Goncinha, todas de grande abundância de água mas ironicamente situadas fora dos limites da freguesia de Santa Barbara de Nexe, constituíam-se muitas vezes como os derradeiros recursos. As vigílias, à *espera da maré*, feitas junto aos gargalos dos poços estão ainda na memória dos mais velhos.



Antigamente era uma miséria. Quando os poços se acabavam ia-se à Alface de noite. Levávamos as bestas com os cântaros em cima a ir buscar água. Outras iam com os cântaros à cabeça e um rodo¹⁵. Foi sempre uma grande fome de água. Antigamente só os ricos tinham cisternas. Íamos quase todos aos poços. Ia-se de noite esperar maré¹⁶. Passei bastante. Noutro tempo, a maré quando chegava ao fundo do poço era barrenta, só barro. O cântaro, de meio para cima, era de uma água melhorzinha. De meio para baixo, era só barro. Se não tínhamos outra para fazer o comer, tínhamos mesmo de fazer com aquela com o barro. Esta gente nova é que não sabe...¹⁷

Maria Teresa Ramos
n. Telheiro, 1931

15 O mesmo que, rodilha, rodoiça

16 Aproveitamento do gotejo de água nos poços e fontes ocorrido em fases de seca extrema.

17 FB21-MBP-1005-0405, 20.06

Tantas vezes que eu fui buscar água na burra. Havia pouca água. O animal carregado com quatro cântaros nas cangalhas e eu no meio. Nos anos de seca não havia água em lado nenhum. Ia-se aos poços logo de madrugada para apurar¹⁸ e levar uma carga de água para casa.¹⁹

Maria Celeste Viegas do Vale
n. Bordeira, 1923

Havia falta de água. Íamos de noite ao poço ou de madrugada para quando chegássemos à noite ter uma pingui-nha de água em casa. Íamos esperar maré. Os poços secavam. Mas sempre ajuntavam uma pingui-nha de água na cova lá do fundo. Quando não havia nenhuma, tínhamos de esperar um bocadinho. Quem ia trabalhar de dia, tinha de ir buscar água de noite. A água era barrenta mas à gente sabia-nos bem. Não tem ouvido dizer que "burro com fome até cacos come"?²⁰

Maria de Sousa
n. Benatrite, 1912

Quando acabava a água ia-se às Bicas dos Vilarinhos ou à Alface. As pessoas iam à noite aos poços buscarem água. Esperava-se meia hora... depois saíam aqueles e entravam outros...²¹

José Pinto Carrusca
n. Gorjões



Hoje toma-se banho todos os dias. Antigamente era só uma bacia de água com uma pingui-nha de água no fundo. Lavava-se a carinha e pronto. Antigamente não se tomava banho, nunca. No meu tempo nunca dei banho. Só depois de casada.²²

Informadora sob anonimato
n. Gorjões, 1917

18 Exaurir, esgotar (J. P. Machado, op. cit., vol.I, p.344).

19 FB05-CVV-1001-0505, 12.28

20 FB04-MSO-1001-0505, 21.23

21 FB12-RUA-1001-0505, 00.32

22 FB12-EBT-1002-0605, 15.15

*Um cântaro de água dava para uma semana. Era para lavar a cara. A água da cara dava para lavar as mãos. A das mãos depois era para regar as flores ou para dar aos gatos e aos cães... E tínhamos de dar água aos porcos e aos outros animais. E ainda havia quem desse água aos pássaros numa piazinha. Era para os pintassilgos beberem...*²³

Adolfo Pinto Contreiras
n. Gorjões, 1939

*No Algueirão da Goldra, ficavam sempre uns charcos de água nos buracos das pedras. Era onde os animais iam beber - sapos e cobras - e onde nós íamos também. Para desinfetar a água, pisava-se um raminho do aro²⁴ com uma pedra e aquilo dava um azeitezinho... A água vinha primeiro azul. Quando ficava clarinha, então já estava boa para se beber. Púnhamos a boca em cima do ramo e bebíamos aquela água muito fresca, enquanto dizíamos: "raminho d'aro, tira a peste, mata a peste, tira a peste, mata a peste, tira a peste ..." umas três ou quatro vezes. Era para purificar a água.*²⁵

Maria Romana Viegas
n. Goldra, 1923

Cisternas

A construção de cisternas exige conhecimentos técnicos que não se encontravam ao alcance de vulgares pedreiros, pelo que, tratando-se de uma obra dispendiosa, é de crer que inicialmente só as casas mais abastadas as possuísem. A vulgarização do seu uso dá-se a partir da segunda década do século XX.

A casa abre-se ao exterior por estruturas que dialogam com o espaço circundante, como é o caso do omnipresente pátio criado em cima e em torno da cisterna. Esta surge sempre em lugar proeminente, muitas vezes na frente da casa. Num território onde a água é um bem precioso, a necessidade imperiosa de a armazenar para tempos de escassez assume uma importância determinante.

As cisternas existentes no território da actual freguesia de Santa Bárbara de Nexe apresentam um conjunto de características particulares de grande coerência que lhe conferem traços identitários muito fortes. Um muro baixo, recortado por poiais e alegretes de flores, delimita um espaço de forma normalmente quadrada que corresponde, regra geral, às dimensões da construção soterrada. Ao centro, encontra-se o gargalo, de forma também quadrada, coberto por protecção metálica. O sombreamento é sempre vegetal, feito muitas vezes por parreiras cuja folhagem densa proporciona uma agradável frescura no Verão. A pedra, o tijolo de burro e as argamassas de cal e areia eram os materiais utilizados, até há poucas décadas, nas estruturas, nos revestimentos e nos trabalhos de massa de interessante valor artístico que decoram alguns dos exemplares sobreviventes.

As cisternas, à semelhança do que acontece com as habitações, encontram-se quase sempre epigrafadas no lado frontal do gargalo, com as datas da construção, das posteriores remodelações e as iniciais dos nomes dos proprietários. Nas habitações, estas marcas de identidade surgem na verga da porta principal. Este é um gesto

23 FB12-APC-1002-0506, 06.45

24 Aroeira, s. f. planta arbustiva, aromática (...) também conhecida por lentisco (*Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 6ª edição, 1993, p.150)

25 FB10-MRV-1002-0805, 09.00

revelador da importância atribuída pelo proprietário à sua cisterna. Trata-se de uma tentativa de perpetuação no tempo, mas também de afirmação económica e social perante os contemporâneos.

As casas de açoteia, platibanda e cisterna apareceram nos anos 30 ou 40 como resultado do poder económico de algumas pessoas. Quem realmente tinha umas grandes cisternas todas em pedra eram os lavradores, as famílias ricas, os Gagos todos. Uma cisterna daquelas era como dez das outras. A água sempre foi um problema e quem não tivesse cisterna tinha de andar com os burros com dois cântaros pelos poços e fontes...²⁶

José Isabel Dias
n. Telheiro, 1945



Aqui quase toda a gente tem uma cisterna à porta. Só quem não tinha dinheiro é que não fazia uma cisterninha.²⁷

José Pinto Carrusca
n. Gorjões

Muito para além da mera finalidade de armazenar água para períodos difíceis e das técnicas de construção mais ou menos especializadas, estes espaços parecem adquirir, no contexto do território de Santa Bárbara de Nexe, significados muito próprios.

A cisterna delimita em volta de si uma área muito aprazível que funciona como uma antecâmara da habitação. Ali, naquele espaço, profundamente ligado à preciosa presença da água, é possível sentar-se, descansar, tomar as refeições, receber as visitas, trabalhar, cavaquear nos dias escaldantes e até dormir nas noites quentes do Verão. A constante procura da água, a luta pela sua posse e o desfrute da sua companhia parecem sintetizar nas cisternas de Santa Bárbara de Nexe uma relação muito especial, quase transcendente, com esse bem da natureza.



26 FB21-JID-1001-0305, 32.00

27 FB12-RUA-1005-0505, 00.32



Os pátios cobriam-se com uma parreira para fazer sombra. Havia bancos em alvenaria. Ali se secavam os figos e as amêndoas. Ali se descansava e se comia. Tanta vez ali jantei! Eu deitava-me em cima da cisterna como qualquer outro nas noites de Verão. Em menos de nada se passava a noite. Era lugar fresco. Fazia-se empreita à noitinha, no Verão. Quantas vezes não toquei eu o meu banjo no pátio da cisterna. Também faziam um tanquinho de lavar roupa ao lado da cisterna. Também se faziam as ajudadas²⁸ à roda da cisterna. Sempre que havia alguém precisado de ajuda, convidavam-se os vizinhos e os amigos. Preparavam um tacho de comida, de xarém²⁹ ou outra coisa qualquer... Fui muitas vezes tocar nas ajudadas. O meu papel era o de animar a festa. Faziam-se também ajudadas de apanhar o milho, de fazer empreita... Às vezes, vinham de longe, com os rolos de empreita debaixo do braço para oferecer à dona da casa. Fizeram-se muitas ajudadas à roda da cisterna.³⁰

Manuel Viegas,
n. Loulé, 1917
Residente em Santa Barbara de Nexe desde 1937

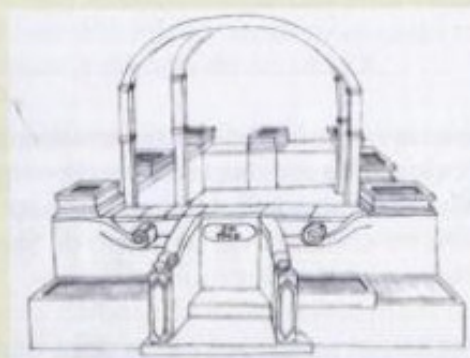


Foto 31
Pátio Cisterna Monumental
Desenho de Miriam Palácios

Antigamente nem todos tinham cisterna. A minha abri-a eu em 1955 com dinheiros da emigração. Antigamente dormia-se em cima da cisterna.³¹

José Contreiras Teixeira
n. Palhagueira, 1922

28 Auxílio que a um lavrador prestam os outros, seus vizinhos, em trabalhos de campo (J. P. Machado, *op. cit.*, vol.I, p.168).

29 Papas de milho (J. P. Machado, *op. cit.*, vol.VI, p.639).

30 FB03-MVI-1001-0505, 19.00

31 FB17-JCT-1003-0505, 08.35

O divino

Preces e procissões públicas implorando água, constituíram, até há poucos anos, um costume que invariável e repetidamente tinha de se cumprir no calendário anual. Têm origem nas preces *ad petendum pluviam*, mandadas fazer nos anos secos, em cada paróquia pelos bispos, tendo chegado aos nossos dias como uma manifestação essencialmente popular e espontânea. A imaginária religiosa, que ainda hoje se expõe nas igrejas da Freguesia, é um claro reflexo das devoções religiosas que ali se desenvolveram: Santa Bárbara, Santo Elias, Nossa Senhora do Livramento, o Menino Jesus, Santa Catarina e ainda a vizinha Nossa Senhora da Piedade.

As procissões eram convocadas colectivamente. Transportavam sempre uma ou mais imagens devocionais. Os participantes juntavam-se quase sempre nas igrejas, algumas vezes num lugar pré-estabelecido que podia ser a habitação de um dos organizadores da prece. Dali partiam, seguindo um itinerário ditado pelos *calvários* (cruzeiros-memórias existentes ainda hoje nas beiras dos caminhos) procurando, quiçá, a intersecção de um familiar ou amigo que, por já ter falecido, deteria influência especial junto do divino.

As preces, quase sempre entoadas sob a forma de canto e em tom de súplica, conduzidas por um começador, homem ou mulher, eram cantadas pelos restantes acompanhantes:

*Bendito e louvado seja
O Santíssimo Sacramento da Eucaristia*

*Do fruto do ventre sagrado
E a Virgem santíssima - a Virgem Maria³².*

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

*Senhor Deus
Mandai água de misericórdia*

*Pela vossa chaga,
Pela vossa cruz,
Nós pedimos água,
Meu doce Jesus³³.*

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

*Senhora da Piedade
Que está no seu andor
De dia e de noite*

32 FB12-EBT-1001-0605, 12.30

33 FB12-EBT-1002-0605, 13.36

Pedindo ao Senhor:

*Chova água
Que nos molhe
Pão que nos console
Nós somos seus filhinhos
Não nos deixai
Morrer de fome
P'la vossa chaga
Pela vossa cruz
Nos pedimos água
Meu doce Jesus³⁴*

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

1.2. A pedra

Santa Bárbara

Vem de longe a íntima relação do território a que hoje corresponde a Freguesia de Santa Bárbara de Nexe com a actividade de extracção e transformação da pedra. Documentalmente, sabe-se que a Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Faro, erigida em inícios do século XVIII e remodelada algumas décadas depois, utilizou-se dos calcários de Bordeira, pelo menos na pavimentação do adro. Assim reza o contrato celebrado em 1742 entre a Ordem e o mestre pedreiro Diogo Tavares³⁵.

As referências à exploração pedreira surgem, desde então, cada vez com mais assiduidade. João Baptista da Silva Lopes, em 1841, referindo-se a Santa Bárbara fala-nos, entre outras coisas, da cal e das «pedreiras de belíssima cantaria, única de que se provê a cidade³⁶ para seus edifícios» e acrescenta que «já dalli se exportou alguma para a Ilha da Madeira»³⁷.

Naturalmente que a abundância deste recurso natural encontrou na capital da província o consumidor privilegiado. A distância que separa produtores e consumidores, aparentemente nunca constituiu impedimento. A cidade de Faro viveu uma continuada fase de expansão ao longo de todo o século XIX com o crescimento de uma empreendedora classe de negociantes que incluía muitos estrangeiros radicados. Era, por isso, uma cidade próspera, geradora de uma actividade muito dinâmica ligada à construção civil.

34 FB12-EBT-1002-0605, 19.00

35 «Obrigação, contrato e ajuste que faz a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta cidade (de Faro) com Diogo Tavares, do lugar de Olhao» publicado por Francisco Lameira, "Documentos para a História do Barroco no Algarve", in *Anais do Município de Faro*, vol.s XXXI-XXXII, C. M. de Faro, 2001-2002, pp. 171-172.

36 Referência à cidade de Faro

37 J. B. da Silva Lopes, *Corografia ou Memoria Economica, Estatistica e Topografica do Reino do Algarve*, p.337



Foto 32
Grupo de trabalhadores,
da firma Anicetos & Barra,
numa pedreira no sítio dos
Funchais (cerca de 1935),
entre os quais José Aniceto
Martins, João Aniceto
Martins, Manuel Pires
Barra, Dionísio Aniceto
Rita, José João Aniceto e
José Veríssimo Pires

Também a ermida de Santa Catarina, situada no sítio dos Gorjões, antigo lugar de extracção pedreira, parece estar de algum modo ligada a essa actividade. Nas festas do Corpo de Deus de Loulé, em 1724, o andor³⁸ de Santa Catarina foi entregue aos oficiais pedreiros, presume-se que do sítio dos Gorjões, pois na altura esta ermida estava integrada no concelho de Loulé³⁹.

A utilização de explosivos na indústria de extracção da pedra parece ser um facto natural mas não uma regra geral no universo da freguesia. De facto, são as características da rocha que ditam as técnicas a adoptar. Enquanto que nas pedreiras dos Funchais-Bordeira o uso de explosivos é um caso raro, nas pedreiras da Falfosa, activas ainda em meados do século XX, a sua utilização era quase diária.

O facto é que a utilização dos populares *barranos*⁴⁰ constituía um procedimento corriqueiro, quer na extracção pedreira, quer para as *despedregas*⁴¹, ou ainda na indústria dos fornos de cal.

*Geralmente usavam-se barranos. Quando a pedra não saía com barra faziam-se uns barranos. Um homem guiava e outro batia. Comprava-se em muitos lugares. Em Loulé e outros lugares. Nos Vilarinhos havia a fábrica de pólvora do Gomes da Costa.*⁴²

José Contreiras Teixeira
n. Palhagueira, 1922

38 Apesar do autor se referir explicitamente aos "andores", devem-se tratar dos denominados "castelos" então construídos pelas diversas associações profissionais e religiosas que, com suas insígnias participavam no cortejo. As procissões do Corpo de Deus não integram nem integravam andores.

39 J. Magalhães, *O Algarve Económico - 1600-1773*, p. 334

40 Perfuração que se faz em rochas e em que se introduz dinamite, que, explodindo, as faz rebentar (J. P. Machado, *op. cit.*, vol.I, p.528).

41 Campanhas de remoção de rochas existentes nas terras matosas, normalmente com o propósito de as converter em terrenos cultiváveis.

42 FB17-JCT-1001-0505, 11.30

Embora ainda por estudar, assinala-se a existência de duas fábricas de pólvora encostadas ao flanco nordestino da actual freguesia, nos sítios do Corotelo e Vilarinhos (concelho de S. Brás de Alportel). Apesar de essa actividade ter chegado até aos nossos dias com uma gradual especialização no campo dos fogos de artifício, a sua existência é conhecida pelo menos desde finais do século XIX. Deve estar de algum modo relacionada com as características rochosas da zona e a actividade extractiva que naturalmente extravasa em muito os limites da freguesia⁴³.

Indícios desta peculiar actividade podem eventualmente recuar aos inícios do século XIX, quando a cidade de Faro, por razões militares, fez recolher a S. Brás, por motivos não explicados, as suas reservas de pólvora, perante a eminente chegada a esta cidade dos destacamentos miguelistas⁴⁴.

24 de Junho de 1833. Pela manha do dia 24 deste mês tornaram a aparecer as embarcações no numero de quinze que se tinham descoberto no dia antes (...). Estas embarcações pareciam ameaçar algum desembarque, no Ancão e em Faro se tocou a rebate. A gente toda assustou-se e muitos que estavam na missa correram a ver o que era. O Molellos que tinha chegado de Tavira no dia 23, mandou ir a polvora para S. Braz, que foram 28 carros carregados della.

Pedreiras

Apesar de hoje Bordeira e Goldra serem os únicos sítios da freguesia onde existe uma indústria extractiva em pleno funcionamento, a memória dos mais velhos recorda com facilidade a existência de pedreiras de dimensão apreciável nos lugares da Falfosa, Pé do Serro, Relva, Corotelo, Raposeiras, Gorjões, Palhagueira e Laranjeira entre outras. Juntam-se a estas as dezenas ou mesmo centenas de pequenas extracções de carácter familiar quase sempre de laboração intermitente. A abundância desse recurso natural e a disseminação de actividades com ele relacionados por todo o território é, assim, um facto perfeitamente normal. Os restos de antigas pedreiras abandonadas fazem parte integrante da paisagem natural da freguesia, constituindo mesmo uma característica marcante do território.

Pelos fins do século XIX e inícios do século XX, a actividade extractiva parece transferir-se lentamente para as pedreiras dos Funchais que, embora situadas fisicamente no vizinho concelho de S. Brás de Alportel, beneficiam enormemente o lugar de Bordeira.

43 É talvez curiosa a relação entre o orago da freguesia de Santa Bárbara e este território ligado a uma antiga actividade extractiva que recorre frequentemente a explosivos. Santa Bárbara, que tem o seu dia a 4 de Dezembro, era filha do sátrapa Dióscoro e terá nascido no Oriente. O seu pai fechou-a numa torre com duas janelas para evitar que ela se convertesse ao Cristianismo. Um padre enviado por Orígenes, disfarçado de médico, tê-la-d convertida e baptizada. Bárbara para manifestar a sua Fé na SS. Trindade, abriu uma terceira janela na torre onde estava encerrada. Descoberta a sua adesão ao Cristianismo, foi perseguida, e depois estrangida a abjurar a sua religião para casar com um pagão. Recusou-se e foi entregue ao juiz Marciano, que a fez passar terríveis suplicios. Finalmente, o seu pai tê-la-d executado, decapitando-a. O castigo de Deus foi imediato. O pai cruel foi fulminado por um raio. Além da palma e coroa do martírio, tem S.ta Bárbara muitos atributos: a torre onde o pai a encarcerou; (...) um canhão ou uma bala, referência ao facto de ser padroeira dos artilheiros, etc. Santa Bárbara é evocada contra a trovoada, particularmente contra os raios, e, por extensão, contra os azares das armas de fogo. É padroeira dos fogueteiros e fabricantes de fogos-de-artifício, dos mineiros que lidam com explosivos, e, devido à torre onde estava prisioneira, dos encarcerados e também dos pedreiros e arquitectos (J. C. Tavares, *Dicionário de Santos*, p.156).

44 Memórias sobre a aclamação do Infante D. Miguel em Faro: o diário de Lázaro Doglioni, uma fonte para a história do liberalismo e das lutas civis no Algarve, estudo introdutório de José Carlos Mesquita, actualização ortográfica do texto de Maria Armada Viegas, Faro, Delegação Regional da S.E.C., 1990, p. 52.

É grande a diversidade das características das pedras existentes na freguesia de Santa Bárbara de Nexe. Na Falfosa, a pedra era de cor escura e extraída em grandes blocos. Daí saiu a pedra utilizada em inúmeros edifícios farenses, entre eles o antigo mercado Municipal e o Liceu Nacional João de Deus⁴⁵.



Foto 33
Os canteiros José João Aniceto e
Francisco Dourado esculpindo marcos de
estrada (cerca de 1950)

Do lugar da Relva, extraía-se calcário de cor muito clara, quase branco, que os canteiros-escultores utilizavam na estatuária destinada aos cemitérios ou monumentos. Dos Funchais, vem hoje uma pedra escura que varia entre o cinzento e o azul. Apresenta-se em sucessivas camadas sobrepostas separadas por uma fina camada de terra. Desta pedra faz-se pedra de calçada para calcetamento. Das "lâminas" mais finas fazem-se actualmente os revestimentos dos solos rústicos. Da Pedreira do Morgado, no sítio dos Gorjões, saía em carroças grande quantidade de brita e pedra bruta que ia fornecer a construção civil em Faro.

45 FB03-JMB-1002-0405, 05.00



Dentro das pedreiras haviam os aprendizes ou moços, os trabalhadores, os cabouqueiros e os canteiros. Para os moços, a primeira função era a de ajudar o trabalhador a descobrir as pedras e acarretá-las mais os entulhos. O cabouqueiro era o que estava na cova a cortar as pedras para o canteiro.

A seguir aprendiam a gastejar⁴⁶ com a bujarda. Só depois começavam a trabalhar com as ferramentas de mão: o escopo, o martelo e a maçeta. O mestre canteiro punha os aprendizes a trabalharem com ele para lhes ensinar o ofício⁴⁷.

José Manuel Aniceto
n. Bordeira, 1953

Além das pedreiras estabelecidas, com laboração estável e uma cadeia hierárquica que ia dos aprendizes aos mestres, há também notícia de pequenas explorações de carácter familiar. Outras ainda, de duração efémera, resultavam de um acordo estabelecido com o proprietário do terreno em que era proposto o início da extração em troca da devolução do terreno, pronto para a lavoura (aplainado e sem pedras), após um certo número de anos.



Foto 34

**Trabalhos de massa em casa de pedreiros
(Benatrite e Bordeira)**

Cal

Em terra de pedra e de pedreiros, os fabricantes de cal são elos indispensáveis do sistema. Das redondezas, a memória guarda ainda muitos nomes, entre eles o de Marcelino Mendonça Esteval, nosso informante principal, Manuel Caetano das Pedras, José Domingues Júnior (ambos de Almancil), António Rita (de Vale de Éguas), Custódio Pereira (de Santa Bárbara de Nexe), António Gil (da Alfarrobeira), Francisco Domingues, Manuel Nunes e os irmãos Manuel de Sousa Baptista e Francisco Sumido.

⁴⁶ Operação na criação de superfícies lisas através de picagem.

⁴⁷ FB05-JMA-1001-0405, 26,48

Construíam-se os fornos de cal sempre próximos dos caminhos e também dos matos de onde se pudessem trazer mais feixes de lenha por dia. Depois falava-se com o dono da terra e chegava-se a acordo: a primeira vez não se pagava nada. Depois disso, pediam o rasquilho⁴⁸ da lenha para pôr debaixo do gado ou, outras vezes, quinze arrobas de cal. Começava-se por abrir uma cova com uma largura de dois metros e meio, que era depois toda empedrada até ao raso⁴⁹. A partir desse momento, começava-se sempre a encurtar cada vez mais, até fechar no cimo com uma só pedra, formando uma abóbada. Acima do raso, era tudo tapado com barro para o calor não se escapar. Era uma coisa com a forma de um grande ovo. Desde a base, que estava enterrada até ao cimo, chegava a ter uma altura de uns bons seis metros. Na minha vida abri eu mais de quarenta fornos... Tive fornos de quatrocentas toneladas de cal que levavam dezasseis dias a cozer.⁵⁰



Usavam-se barras e picaretos para arrancar a pedra. Quando era preciso usavam-se os barranos. Fazia-se um buraco de palmo na pedra com a maça, enchia-se de pólvora com o atacador, punha-se um rastilho e rebentava-se. Depois, partia-se com um marrão. Tínhamos uma mula para acarretar a pedra nas cangalhas, mas também se carregava nos carros. No fim, já era com camiões. Os carros de mão e as paviolas⁵¹ eram já raras. A pedra "oleosa" era a melhor que havia. Havia também a "barcaleira", a pedra "olho de sapo", essa não presta.⁵²

Nos primeiros dias de cozedura começava-se a aquecer o forno com uns lenhitos, de pouco a pouco, até começar a sair fumo branco. A pedra rebentava muito e ficava negra – estava a caldear. Com o calor, o barro que cobria o forno ia caindo. Tínhamos de estar sempre a chapejá-lo que era para se não perder calor. A pedra levava três dias a limpar. Depois, quando começasse a sair fumo preto e a pedra a amarelar era sinal de que tinha começado a cozer. Levávamos ali entre seis e oito dias dependendo do tamanho do forno. Desde que começasse a arder não parava mais, noite e dia.⁵³

O forno tinha a forma de um grande ovo meio enterrado no chão, com cerca de 6 metros de altura. No cimo punha-se sempre uma cruz que era para se ter sorte e o diabo não atentar.⁵⁴

Marcelino Mendonça
n. Pé do Serro, 1926
Morador no sítio da Igreja

48 Folhagem e troncos miúdos com que se cobria o pavimento de pocilgas e estábulos.

49 Nível da terra.

50 FB03-MME-1001-0405, 02.51

51 O mesmo que padiola. Espécie de tabuleiro com quatro pés, quatro braços (...) que serve para transportes (J. P. Machado, op. cit., vol.IV, p.488).

52 FB03-MME-1001-0405, 10.30

53 FB03-MME-1001-0405, 12.14

54 FB03-MME-1001-0405, 19.37

Ferreiros e abegões

Pelo menos desde os meados do século XIX que existe um número apreciável de ferreiros e abegões instalados na freguesia⁵⁵. A memória dos vivos chega às primeiras décadas do século XX e fala-nos de homens que foram mestres nas artes dos seus ofícios. Fala-nos também das ferramentas específicas de cada ofício e dos "carreiros" que, de e para Faro, transportavam pedra, areia e cal. O volume de trabalho relacionado com as actividades ligadas à pedra deverá ter sido importante. Alguns ferreiros ganharam celebridade pelos segredos das têmperas que inventaram, a tal ponto que produziram mesmo ferramentas certificadas por selos de qualidade, incisos no corpo das peças que fabricaram.

*O grande mestre dos ferreiros foi Manuel das Neves Vargues (Manuel Ferreiro) de Bordeira. Depois, outros aprenderam com ele: Eduardo Madeira Grou, Apolinário das Neves e Jorge Barros da Fonseca. Eram homens que trabalhavam muito bem a forja. A têmpera é que manda. Para os ferros cortarem bem a têmpera tinha de ser muito precisa. Senão partia-se logo o bico do ponteiro, o corte do escacilhador, os dentes do ferro de dentes, o corte do escopo...*⁵⁶

José Manuel Aniceto
n. Bordeira, 1953

Chegou-nos ainda a notícia da existência de ferreiros na freguesia ou nas redondezas: Francisco de Sousa Melgaz (Santa Bárbara), Joaquim do Serro (Falfosa) e Manuel Charuto (Estrada do Ludo).

Eduardo Madeira Grou, também ferreiro, José Canal (de Bordeira), Henrique Caramujeira e José Lúcio Coelho eram alguns dos abegões de que nos chegou memória, estando ainda Virgílio Canelas em actividade. A pedra e a cal são, ainda, o grosso da mercadoria transportada. A memória fala-nos de muitas dezenas, talvez mais de uma centena, de carreiros, que dessa actividade faziam o seu modo de vida.

*Os carreiros acarretavam pedras e lenha para o forno de cal, mas era no transporte de cal que principalmente eles se ocupavam. Juntavam-se às vezes cinquenta e sessenta carros em bicha, de roda de um forno. Os fornos, às vezes, ainda estavam quentes e os homens que estavam a tirar a cal, não davam de vencida... Era à vez. Chegavam a esperar um dia inteiro e não apanhavam frete nenhum.*⁵⁷

Marcelino Mendonça
n. Pé do Cerro, 1926

*Aqui (no sítio da Palhagueira) havia a Pedreira do Morgado que era do António Ramos Morgado. Arrancavam muita pedra. Também se britava muita para alvenaria. Aí pelos anos 30 ia tudo em carroças para Faro. Para lá, levavam pedra e, para cá, traziam areia para não perderem a viagem e ganharem algum.*⁵⁸

José Contreiras Teixeira
n. Palhagueira, 1922

55 Arquivo Distrital de Faro.Registos paroquiais da Freguesia de Santa Bárbara de Nexe.

56 FB05-JMA-1001-0405, 41,19

57 FB03-MME-1001-0405, 26.15

58 FB17-JCT-1003-0505, 06.40



Foto 35
**Grupo de canteiros-
artistas, entre eles Tomás
Ramos (2º da direita),
João Madeira Botelho e
L. Mealha.**

Nos anos 40, daqui dos Gorjões, haviam sete ou oito homens que viviam do transporte de pedra em carroças para Faro. Faziam três ou quatro viagens por dia. Eles faziam o percurso quase todo a dormir e o animal já sabia onde tinha de parar. Levavam o dia a dormir. Tinham dois ou três pontos no caminho onde era costume pararem para beberem um copinho. Na Falfosa havia uma taberna onde eles paravam muito...⁵⁹

Adolfo Pinto Contreiras
n. Gorjões, 1939

Artistas

De canteiro a escultor vai uma boa distância. São, contudo, ofícios que se encontram na mesma linha hierárquica. Dos canteiros ficou-nos a memória do José do Matos (ou José de Matos), o José Inácio e os Relvas de Bordeira e os Catarinas de Benatrite. Alguns houve que, no entanto, lograram atingir o topo como João Aniceto Martins de Bordeira (um grande mestre e professor do ofício), Dionísio Aniceto Rita (Bordeira), João Madeira Botelho (Aldeia), Joaquim Bento (Canal), Manuel Francisco e Manuel Eusébio (Corotelo). Contudo, para todos, a grande referência foi Tomás Ramos que, apesar de ter a sua oficina em Faro, era natural de Santa Bárbara.

⁵⁹ FB12-APC-1001-0506, 32.06



Fui com 13 anos para Faro para a oficina do Palaré. Lá dormia e lá comia. Ao sábado o meu pai ia buscar-me "a cavalo" do burro e à segunda-feira, ia levar-me. Aos 15 anos compraram-me uma bicicleta a pedal e comecei a ir e vir todos os dias. À noite ia aprender desenho na Escola Industrial, junto à Sé. Todas as noites, duas horas. Ali levei cinco anos.⁶⁰

No princípio, a pedra em que se trabalhava era toda daqui. Vinha da Relva, num mato perto da Junta. Era pedra branca. Havia também pedreiras na Falfosa. A pedra era boa mas escura. Só depois é que se começou a trazer mármore de Borba e Vila Viçosa. Naquele tempo não havia máquinas. Era tudo à base de ferramenta. Fazíamos anjinhos e santos. O emblema do Montepio de Faro, logo por cima da porta fui eu que o fiz. Na pia baptismal da igreja de S. Pedro lá está uma pomba de asa aberta... Quando se fez a Praça de Faro, aqueles brasões fui eu que os fiz. Foi com o Tomás Ramos que eu aprendi. Havia também o José Quintas do Rio Seco. De todos, o melhor escultor era o Senhor Tomás Ramos. Foi tirar o curso das Belas Artes a Paris.⁶¹

João Madeira Botelho
n. Aldeia, 1915



Foto 36 Elementos decorativos em massa. Pormenores de platibandas e cunhais.



Foto 37 Elementos decorativos em argamassa. Pormenores de platibandas e cunhais.

60 FB03-JMB-1001-0405, 03.30

61 FB03-JMB-1002-0405, 05.00



Foto 38 Trabalhos de cantaria artística. Molduras de portas e janelas.

Migrações

As gentes seguiram o amplo movimento migratório ocorrido em Portugal ao longo do século XX. Regra geral, levavam consigo os saberes aprendidos nos lugares de origem. Daqui saíram, sobretudo, pedreiros, canteiros, construtores de estradas e de fornos de cal. Naturalmente que muitos enveredaram posteriormente por actividades diferentes, conforme as condições que encontravam nas terras de acolhimento. Também saíram corticeiros, comerciantes e até músicos, mas em contingentes pouco significativos.

Desde as primeiras décadas do século XX que se conheceram movimentos migratórios importantes. Assim foi com a América do Sul, os Estados Unidos, Marrocos, vários países da Europa e Canadá. Também Lisboa e toda a zona envolvente, sobretudo Cascais, constituíram destino para muitos que daqui partiram em busca de trabalho.

Naquele tempo, p'la banda de 1918 a 1928 ia-se muito para a Argentina. Também se foi para Marrocos p'las bandas de 30. Em Cascais e Lisboa eram quase todos Algarvios. Não havia quase trabalho nenhum no Algarve. Foi muita gente daqui de Santa Bárbara. Foi aí por volta de 1940.⁶²

José Contreiras Teixeira
n. Palhagueira, 1922

Foi-se muito para Cascais e toda a zona de Lisboa por volta de 1944-45. Família de Bordeira e Santa Bárbara em Cascais era como se estivessem aqui. Eram mais de cem. O Zé Picharete (José Mendes Baptista) e o Manuel Gordo contratavam as pessoas. Eram originários daqui, mas tinham lá as pedreiras e vida montada. No Casal de Vila Chã havia mais gente daqui, havia cabouqueiros que trabalhavam nas pedreiras e canteiros a fazerem cantaria. Estive eu lá a fazer cal. Havia fornos de telha idos de Bordeira. Fizemos muita obra em Lisboa. Eu vendi muita cal para fazerem a Avenida Almirante Reis que era uma estrada velha. Fez-se muita cantaria também. Ia material para Sintra, Oeiras, Paço de Arcos, Estoril...⁶³

Marcelino Mendonça
n. Pé do Serro, 1926

62 FB17-JCT-1001-0505, 28.14

63 FB03-MME-1002-0405, 00.24





Foto 39

Grupo de canteiros emigrantes no Brasil (Sobrado-Itaúna) provenientes na sua quase totalidade de Santa Bárbara de Nexe e S. Brás de Alportel. Reconhecem-se ainda Manuel Mendes, Manuel de Brito e António Mendes Rolita (Serro do Botelho) e Manuel Bento (Agostos).

As emigrações dos anos 60 foram motivadas pela fuga ao serviço militar, mas também pelas dificuldades económicas da época. Foi a partir dos anos de 1963-64 que se começou a ir para França. Era tudo a salto. Ninguém tinha documentos. Só davam passaporte a indivíduos abastados. A guerra rebentou em 61 e aquilo nos anos a seguir foi uma loucura... Quem tinha a família estabilizada, ia para ganhar mais algum. Os mais jovens era para se safarem à tropa. Houve muitos... No meu tempo éramos uns oito ou nove, os que fomos à inspecção. À tropa só fomos dois. Até 74 não puderam vir cá...⁶⁴

José Isabel Dias
n. Telheiro, 1945

2. As gentes

2.1. Janeiro faz o palheiro⁶⁵

Também se diz: *em Janeiro sobe ao outeiro, se veres verdejar põe-te a chorar*⁶⁶ ou ainda que o *mês de Janeiro vale um carneiro*⁶⁷, para significar que é um mês determinante no bom desfecho das sementeiras. Antigamente, charruavam-se as terras com uma parelha de bois ou, simplesmente, lhes passavam o arado puxado pelo burro ou mula. Se o tempo permitia, dava-se continuidade às sementeiras do trigo, da fava e do griséu. Com o Inverno já adiantado, prosseguiam os trabalhos agrícolas iniciados nos meses anteriores, muitas vezes interrompidos pelos dias chuvosos que, por vezes, pareciam não terminar.



No Inverno, passavam-se dias e semanas inteiras sempre a chover. Sentávamo-nos todos ao fogo. A minha mãe fazia empreita, golpelhas para ir vender aos sábados a Loulé. As crianças faziam as tamiças. Falava-se da vida alheia, da chuva, dos namoros, ria-se e brincava-se. Assava-se uma linguiça, um bocadinho de toucinho e comia-se. Semanas inteiras...⁶⁸

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira, 1929

Os primeiros dias do ano eram sempre de grande agitação. O Ano Bom e os Reis costumavam ser festejados pelos grupos janeiros que, de porta em porta, desejavam as boas-festas. Se alguns o faziam desinteressadamente e por simples divertimento, outros visavam o reforço do magro orçamento familiar.

64 FB21-JID-1001-0305, 62.00

65 FB05-CVV-1001-0505, 38.33

66 FB21-MBP-1005-4005, 16.10

67 FB12-EBT-1003-0605, 00.45

68 FB05-ACR-1001-0507, 43.30

O nome mais próprio era cantar as Janeiras. Às vezes também se dizia Charolas. Eram as pessoas que nos pediam para que fôssemos a sua casa. Até guerreavam. Era tempo de crise e miséria, mas para essas coisas havia sempre fartura. Matavam-se galinhas e vá de bailar... Era nas vésperas de Ano Bom e Reis. Levávamos a noite toda a cantar de casa em casa. Havia sempre fogo⁶⁹ para começar a festa. Vá de tocar acordeão, de cantar e bailar e dar vivas a toda a gente. Era tudo cantado com estilo. O começador atirava uma quadra. Depois o coro repetia-a enquanto este descansava. E depois dizia outro verso... e outro... Fui muitas vezes com o Mestre José Ferreiro e outros. Tocava-se o acordeão, os ferrinhos, o pandeiro e as castanholas. Levávamos dois homens com a bandeira à frente. O começador ia sempre no meio. Às vezes, no meio dos versos, mandava-se outro foguete p'ra alegrar a malta. Abria-se a porta da casa e o grupo entrava a cantar. A mesa estava posta. O mandador ia frente com as bandeiras. Chamava-se a marcha. Davam-se pelos menos duas ou três voltas à roda da mesa cantando. O mandador mandava então parar com o apito. Acabado aquilo, vá de bailar e comer. Às vezes levava-se dois acordeonistas para quando um estivesse cansado...⁷⁰



Jaime Rato
n. Gorjões, 1925

2.2. Em Fevereiro sobe ao outeiro Se veres verdejar põe-te a cantar⁷¹

Nos meses frios, Dezembro, Janeiro e Fevereiro, passava-se muito tempo ao fogo⁷². Cada um fazia o que sabia: palma, renda, bordado... Nos dias chuvosos, essas actividades prolongavam-se enquanto o tempo não levantasse.

O meu pai era canteiro. Nos dias de chuva tinha de vir para casa. Não havia trabalho. A minha mãe acendia o fogo e ele ali estava semanas inteiras sem poder trabalhar. Quando não havia dinheiro para o tabaco, íamos ao mato apanhar a mariolinha galega. Era uma ervinha de folha miudinha que se torrava no forno. Desfazia-se aquilo muito bem para que o meu pai fizesse os cigarrinhos. Era o que ele fumava ao pé do fogo. Eu depois ia à da Tia Isabel buscar-lhe uma latinha de aguardente. Passavam-se assim os dias, as vezes sempre a chover.⁷³

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira 27/4/1929

Fevereiro é o mês do entrudo - isto quando ele não *escorrega* para o mês de Março. Na sede da freguesia, jogavam-se os cântaros - uma curiosa manifestação local que, de algum modo, alude ao precioso líquido que é a

69 Foguetes

70 FB12-JRA-1002-0405, 33.00

71 FB21-MBP-1005-0405, 16.10

72 Pop. Junto à lareira

73 FB05-ACR-1001-0507, 43.00

água. Em outros sítios, assistia-se a reminiscências de um entrudo antigo, dito então "pouco civilizado".

O Jogo dos Cântaros jogava-se sempre na Segunda-Feira Gorda. A gente juntávamo-nos no Largo. Eu tinha sempre uns quantos cântaros em casa com as asas partidas. Todos os anos eu tinha pelo menos uns dois ou três. Outras vezes, íamos roubá-los onde as mulheres os tinham escondidos. Outras davam-nos, pois gostavam de ver aquilo. O jogo era só para os homens, mas as mulheres faziam também judiarias. Se a porta da vizinha estava aberta, jogavam aquilo para o meio do corredor e esmigalhava os testos... faziam isso umas às outras.

Íamos para o Largo. Fazia-se uma roda, com os moços desviados uns dos outros um bom bocado. Ia-se lançando o cântaro um pró outro em roda, mas às vezes enganavam-se. Em lugar de jogar para aquele, jogava-se para outro cá atrás a ver se ele o deixava cair. Mas a gente tinha que estar sempre com um olho atrás e outro à frente para ver para que lado eles balançavam o cântaro. Juntavam-se quinze ou vinte moços e muita gente a ver. Naquele tempo, nesses dias ninguém ia trabalhar. Domingo Gordo, Segunda-Feira Gorda e Dia de Entrudo eram os três dias sempre...

Quando um deixava cair o cântaro, jogávamo-nos todos a ele como fazem hoje os jogadores da bola quando metem o golo. Tinha logo que pagar um litro de vinho. Entre quinze ou vinte, dava um copo a cada um. Ia-se logo ali para a taberna do Zé André ou a do Joaquim Bicharete que estavam ali ao pé. No fim, para aí uns vinte cântaros eram vinte copos cada um. Naquele tempo, eu era capaz de beber quase cinco litros... E daí, no outro dia, o varredor de rua tinha que acarretar aquilo tudo.⁷⁴

Marcelino Mendonça
n. Pé do Serro, 1926



Às vezes, o entrudo calha em Fevereiro. Era uma coisa muito bruta. Se passava por lá uma mulher ou uma rapariga, apanhava de certeza. Era cada verdascada que vinham todas roxas. Para eles era uma brincadeira...

Arranjavam panelas velhas, repolhos, cinza, ovos e atiravam-se uns aos outros. Certo dia de entrudo, fui buscar um cântaro de água à cisterna da minha mãe. Vinha eu muito bem tranquila com a minha quartinha⁷⁵, quando, ao passar pelo Largo, vem de lá um que me prega uma sapatada e tais vergastadas no corpo que tive de ir ao médico. Aquilo era só para os homens. Eu não me metia com eles, pensava que eles também não se metessem comigo. As mulheres ficavam em casa sem sair. O enterro do entrudo era na Quarta-Feira de Cinzas. Era um boneco vestido com calças e tudo, deitado num caixa para parecer um caixão. Ai meu rico marido! – gritava em pranto a viúva que não era mais que outro homem a fingir. No entrudo, era também costume comer um galo grande pr'ái d'uns quatro quilos.⁷⁶

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorrões, 1917

74 FB03-MME-1002-0405, 17.56

75 Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, ed. Verbo, 2001, p.3027.

76 FB12-EBT-1003-0605, 10.50 / 40.30

2.3. Março marçagão, de manhã focinho de cão, à tarde bom borregão⁷⁷

Fechado o ciclo carnavalesco, ora em Março ora em Abril, iniciava-se o recolhimento da Quaresma. À falta de alguns divertimentos usuais que estavam interditos, como era o caso dos bailes, jogava-se à rifa, sendo o prémio constituído por rebuçados ou outros doces.

*Na Quaresma nunca havia bailes. Nesta altura a gente até se ofendia de se falar em bailes. Rezava-se o terço todos os dias. À terça e à sexta não se comia carne, nem presunto, nem enchidos. Fazia-se jejum até à hora do jantar (meio-dia). Eram dias de respeito. Quando chegava o dia de Páscoa, comia-se carne de borrego e havia folares. Chamavam-lhe também "costas"⁷⁸. Tinham a forma de uns pães pequenos, com um ovo ao meio e uma trança por cima. Nesta altura, o melhor da comida era para o pai. O pai era o primeiro a tirar a comida e escolher o comer. Só depois é que a mulher e as crianças tiravam para o prato e começavam a comer.*⁷⁹

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorrões, 1917

O Domingo de Páscoa fechava o ciclo de contenção. O *Judes* ou Judas passeava-se pelo Rossio, acabando estropiado entre gargalhadas e muita alegria da gente - uma versão localizada de uma tradição geralmente conhecida por a *Morte ou Queima do Judas*.

O Judes fazia-se sempre no Domingo de Páscoa. Combinava-se entre uma remessa de moços. Arranjava-se umas calças já velhas, uma blusa, um barrete ou uma boina. Depois ia-se com as bestas apanhar erva para encher o boneco. Como havia muito pompi-lho, enchia-se o boneco com essas flores. Atava-se a cintura com um atilho. As pessoas estavam sempre preocupadas que a gente lhes roubasse o burro ou a mula que estivesse nas pastagens.

No próprio dia, no Domingo de Páscoa, quando se não arranjava um burro roubado, havia família que o emprestava. Esperava-se pelo fim da missa, quando as pessoas saíam e se juntava mais gente. Então, andava-se por ali pelo Largo do Rossio até ao adro da igreja com o Judes traçado em cima do burro, andando pela frente e atrás das pessoas. Entrava-se com o boneco pelo meio das vendas...

Depois, no fim, cada um puxava por uma perna do boneco. Havia trapada uns com os outros com a erva que estava dentro do boneco. Era até a gente se aborrecer. Atirava-se com aquilo às moças.



Foto 40
O Judes no Rossio de Santa Bárbara. (cerca 1968)

77 FB12-EBT-1001-0605, 49.00

78 Espécie de bolos de rolo fino que se fazem com condimento de gordura (cf. E.B. Gonçalves, *Dicionário do falar algarvio*, p.80).

79 FB12-EBT-1003-0605, 26.00

*Elas é que fugiam... Havia alguns mais malandros que atiravam trapadas aos que vinham nos carros. Eles chateavam-se todos. Se eles paravam a refilar então é que pior era...*⁸⁰

Marcelino Mendonça
n. Pé do Serro, 1926

Nos primeiros dias de Março, sachava-se o griséu e também se semeava o grão. Quando o trigo estava forte faziam-se as mondas. Nos anos secos, olhava-se o céu com apreensão. Dos ritos pascais surgiam símbolos protectores para as gentes e as culturas.

Era pela Páscoa que se faziam as Cruzes de Palma Benta. Por alturas das Endoenças, no Domingo de Ramos, íamos a Santa Bárbara. A minha mãe levava um ramo de oliveira e de alecrim. Na igreja já tinham as palmas. Era tudo benzedo e fazíamos uma cruzinha com o raminho de oliveira, o alecrim e a palma benta. Quem tinha cinco terras, trazia cinco cruzeiros. Uma por cada terra. Também se pendurava uma por detrás da porta da casa para esta ficar defendida todo o ano.

*Nas terras espetava-se uma cana com a cruzinha formada pelo raminho de oliveira, o alecrim e a palma benta. Ali ficava no meio das sementeiras. Era sempre assim por altura da Páscoa.*⁸¹

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira, 1929

2.4. Em Abril, águas por mil⁸²

Diz-se também que em Abril ainda a velha queima as tábuas do barril⁸³; gastam-se as últimas reservas da lenha armazenada. Com o Inverno passado, já se sabia como ia ser o ano. Se as chuvas haviam escasseado, havia que pedir água de misericórdia. Os de Benatrite, Telheiro e sítios em redor valiam-se da velha ermida da Nossa Senhora do Livramento. Esta, também conhecida por Capela do Telheiro, foi edificada em 1840 (ou pouco antes) pelo P.e José António Ramos e Barros (1789-1877) que lhe deixou sustento para o futuro⁸⁴ segundo uma informação de João Jacinto Sequeira (1845-1919), pároco de Santa Bárbara de Nexe em 1887. Foi demolida em meados do século XX.

A Ermida de Nossa Senhora do Livramento foi construída há muito tempo pelo Padre Ramos. Era dedicada à Nossa Senhora do Livramento. Tinha nespereiras e oliveiras em volta e estava encostada à casa onde viviam os descendentes do padre Ramos. Cabiam lá umas vinte ou trinta pessoas. Estava telhada com telhas (sic), o tecto era de abóbada e o chão era de ladrilhos quadrados. Tinha uma pia de água benta ao cantinho da porta. Era uma igreja muito linda e estimada. Havia apenas um altarinho em madeira na frente com o Senhor crucificado, a Sra do Livramento, o Sagrado Coração de Jesus e vários santinhos. Quem se via aflito lá ia fazer os pedidos... oferecia velas à Nossa Se-

80 FB03-MME-1002-0405, 13.40

81 FB05-ACR-1001-0507, 31.45

82 FB12-EBT-1001-0605, 49.00

83 FB21-MBP-1005-4005, 16.10

84 ARQUIVO DA DIOCESE DO ALGARVE, Respostas à Circular de 28/9/1887.

*nhora, manitas, pezinhos. Era uma capelinha muito religiosa e bonita. No tempo da sede, usava-se sair com a Nossa Senhora em procissão, para pedir água. Todos os domingos havia missa.*⁸⁵

Maria Teresa Ramos
n. Telheiro, 1931

A capelinha foi destruída aí por volta de 1945. O dono queria transformar o prédio lá à maneira dele e naturalmente não queria estrebuchos lá à porta. As pessoas iam lá muito e ele pensou em deitar tudo aquilo abaixo. Ele dizia que fazia a casa nova e que a reconstruía novamente mas depois ficou velho e o tempo passou. Dizia a mulher dele que, desde que ele tinha escangalhado a igreja, nunca mais tinha havido paz em casa. Nunca mais teve sorte nem coragem para nada. Dizem que foi por ele ter mexido na Nossa Senhora e a ter levado dali. Era ali que Ela tinha de estar, naquele lugar. Ele dizia que fazia uma ermidezinha...

*Não era falta de dinheiro, mas a vontade de acabar a casa acabou-se. O chão ficou sempre em terra, batido conforme andavam. Por baixo nunca se acabou de rebocar. Parece que foi uma coisa que parou o homem. Acabou por ficar ceguinho. E assim morreu ali.*⁸⁶

Maria Teresa Ramos
n. Telheiro, 1931

*Em Abril e Maio, por toda a freguesia se implorava a Deus, por água. No sítio dos Gorjões, a ermida de Santa Catarina era alvo de uma especial devoção. De tal maneira, que os sítios fronteiros da Soalheira e Vilarinhos, no Concelho de S. Brás de Alportel aí peregrinavam nas noites dos anos mais secos*⁸⁷.

*Não chovia e as searas começavam a murchar. Quando em Março começava a faltar água, as coisinhas iam esmorecendo. Quando vinha o mês de Abril, as mais das coisas já estavam em pasto. E então pedíamos água de Misericórdia. Em Maio ainda chegávamos a fazer preces.*⁸⁸

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira, 1929

2.5. Em Maio queima a velha as penas do papagaio⁸⁹

De facto, com os últimos frios, é em Maio que se esgotavam as reservas de lenha para a lareira. Nos campos, levavam-se os animais para pastarem no restolho e ceifava-se o feno da fava. Nos anos secos, faziam-se as derradeiras preces, na esperança de uma chuva improvável.

85 FB21-MBP-1002-0405, 09.19

86 FB21-MBP-1002-0405, 12.48

87 FB05-ACR-1001-0507, 09.14

88 FB05-ACR-1001-0507, 13.58

89 FB21-MBP-1005-4005, 16.10

O primeiro dia do mês, marca de maneira muito forte o calendário anual. Numa alusão ao Dia de Maio que passava sempre muito depressa, entre bailes, merendas campestres e alguns excessos, cantava-se "É de Maio é de Maio, é de Maio ventura. Mal é de madrugada, já é noite escura".

O Maio atacava-se logo de manhã, com figos moles espalmados e uma garrafinha de aguardente. Andavam de casa em casa. Toda a gente tinha umas figueirazinhas. Faziam uma mechinha⁹⁰ de figo mole que só encetavam no dia de Maio. Nas vendas e mercearias ofereciam sempre um copinho de vinho doce. Em Bordeira, faziam dois bonecos. Era o Maio e a Maia. Enchiam aquilo e vestiam-nos. Depois lá os levavam para o meio da eira. Depois, ao sol posto fazia-se um bailarico de gaita à volta dos Maíos.⁹¹

Maria Celeste Viegas do Vale
n. Bordeira, 1923

Nos anos mais secos, Maio era um mês triste. Perdiam-se as últimas esperanças numa boa colheita e faziam-se ainda as derradeiras preces suplicando chuva. O Santo Elias era, de todos os santos, o de maior devoção popular. De tal maneira que, nos Gorjões, em cuja ermida ainda existe a cabeça esculpida em madeira do virtuoso Santo, se conta ainda hoje o episódio do *Santo Elias e do marido ciumento*:

O meu avô chamava-se José Mendes Pinto e a minha avó era muito religiosa. Tomava conta da igreja e contribuía muito. Como a minha avó não se tirava do pé do Santo Elias, um dia, com o cajado, dá uma castanha⁹² no santo que lhe partiu a cabeça.⁹³

José Pinto Carrusca
n. Gorjões

2.6. Em Junho apanhava-se a palma...

Em Junho começavam as colheitas, sobretudo se o ano havia corrido de feição. Muitos tinham as suas pequenas courelas de terra que cuidavam nos intervalos das actividades assalariadas nas casas ricas ou nas pedreiras da freguesia.

A palma apanhava-se em Junho. Também vinha muita de Espanha. Apanhava-se aí pelos matos mas era pouca e escura. A de Espanha era clarinha. Depois de apanhada verde, punha-se a secar num almeixar tudo bem espalhado. Tinha de ser num lugar que não apanhasse muito sol... Para a palma ficar clara, enxofrava-se. Deitava-se a palma para dentro duma barrica. Punham-se dentro uns paus cruzados que era para a palma não cair. Por baixo punha-se o enxofre a arder numa latinha. Era o vapor que tornava a palma clarinha. Tapavam-se todos os buraquinhos que era para fazer mais efeito. Também se tingia a palma. Compravam-se as tintas nas drogarias. Punha-se aquilo numa vasilha e com um pincel pintavam-se as palmas. Outra gente punha umas latas com tinta vermelha e outra verde.

90 Mecha, O mesmo que pequena quantidade. Mão cheia.

91 FB05-CVV-1001-0505, 24.52

92 Pop. agressão física, pancada (Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Verbo, Lisboa, 2001, p.727)

93 FB12-RUA-1001-0505, 22.21

Passavam-se as palmas por dentro e secavam-se depois. Alguns começavam logo a fazer empreita, mas era no Inverno que mais se fazia; quando a miséria apertava... Depois da obra de palma estar feita, ia-se vender a Loulé.⁹⁴

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

Junho também é tempo de Santos Populares. As marchas são uma novidade que só chegou cá através da rádio já o século ia avançado. Mas Santo António sempre foi tido por casamenteiro. O que o santo certamente não aprovaria seriam as aventuras e desventuras de amantes escondidos que, uma vez descobertos ou assumidos, tinham de aturar o *Toque das Latas* ou *Buzinadas*.

Chamavam-se Buzinadas. Tocavam-se latas quando alguma moça fugia ou deixava o marido. Juntava-se uma remessa deles e lá iam à porta deles buzinar e fazer barulho, como se tivessem a dizer coisas... Já naquele tempo aquilo era proibido, mas era uma tradição antiga. Levavam latas velhas. Se alguma deixava o homem ou se o homem a deixava, aquilo era um grande escândalo. Diziam tudo o que vinha... Se fosse agora, então ninguém dava conta do pessoal... haviam de bater latas todos os dias...⁹⁵

Maria Bexiga Pires
n. Barreiras Brancas, 1922

Fosse o mês, Junho (mês do Santo António) ou outro qualquer do ano, ao *Padre Santo António*, se faziam certas *encomendas* quando não se encontrava um objecto perdido. Afirma-se, ainda hoje, que não era função para qualquer um. Só pessoas com virtude sabiam e podiam *encomendar* ao *Padre Santo António*. Outro expediente, que estava ao alcance do mais humilde dos mortais, era atar os *alforges*⁹⁶ do Diabo:

Quando se perdia alguma coisa usava-se "atar o alforjes ao Diabo". Pomos as mãos atrás das costas. Então com a mão esquerda fazemos nove nós num cordel. Ainda com a mão esquerda e sem olhar para trás, escondemos o cordel debaixo de uma pedra. Depois seguimos o nosso caminho, sempre sem nos voltarmos para trás. Só quando se encontrar a coisa perdida é que se deve lá voltar para desatar os alforjes ao Diabo.⁹⁷

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

Diz-se que as festividades populares do S. João, chegadas quase até aos nossos dias, constituíam reminiscências de festividades muito antigas. Será o caso do Banho de S. João de que apenas nos chegaram os gestos. O ambiente era sempre alegre e, ano após ano, cumpria-se religiosamente o ritual.

No S. João íamos para Quarteira em carros de besta. Convidavam-me a mim e a outros para tocarmos e lá íamos dentro das carroças. Estavam todas enfeitadas que até pareciam uns carros alegóricos. Era na véspera e no próprio

94 FB12-EBT-1003-0605, 1.00.00

95 FB21-MBP-1002-0405, 23.30

96 Testículos (E. B. Gonçalves, *Dicionário do falar algarvio*, p.29)

97 FB12-EBT-1004-0605, 47.00

*dia de S. João. Nas Quatro Estradas, na taberna do Francisco Ricardo Bárbara, fazia-se um descanso. Parava tudo ali. Cantava-se e tocava-se. Cantavam-se coisas próprias do S. João. Era um estilo diferente. Eu tocava o banjo mas haviam violas, bandolins, acordeões, ferrinhos... Chegavam a ir vinte carros de besta, todos de seguida, enfeitados de palmeiras e fitas. Quando chegavam a Quarteira, tomava-se o banho de S. João. Ia-se para a praia, despiam-se e faziam um grande espalhafato com a água das ondas, molhando-se uns aos outros num pagode. Às vezes, havia quem não gostasse da brincadeira e aquilo acabava em porrada. O banho de S. João era sempre de noite. Passava-se a noite na praia. Estendiam-se umas mantas, haviam garrações de vinho, comia-se peixe e carne frita. O banho de S. João era uma coisa querida por todos, novos e velhos...*⁹⁸

Manuel Viegas
n. S. Clemente, 1917

2.7. Julho e Agosto era tempo de muito trabalho...

Em anos de secura de água, esperava-se a maré junto aos poços até altas horas da madrugada. Quem tinha bestas ia buscar o precioso líquido às fontes mais abundantes que, por ironia, eram as mais afastadas: Alfice, Vilarinhos, Goncinha, Alfarrobeira... As cisternas davam aos seus proprietários algum sossego, mas eram pouco mais do que uma reserva quase intocável.

Nos meses de Verão, os dias são longos e as noites claras. *As luas de Agosto dão no rosto*⁹⁹ - dizia-se. O tempo era de colheitas. Se o ano havia sido favorável, o trabalho prolongava-se de sol a sol. As casas mais importantes movimentavam grande número de trabalhadores. Para ricos e pobres o tempo era de amearhar. Pequenos ou grandes, todos faziam o seu almeixar.

*Julho e Agosto era tempo de muito trabalho... Já se apanhava a farroba, já havia amêndoa e ainda se aceifava. Acarretava-se o trigo para as eiras. Nesse tempo, a calha¹⁰⁰ do Senhor José Gago tocava às três da manhã. Era sinal para nos levantarmos. Às três e meia juntavam-se umas dez ou quinze pessoas na casa do patrão. Vinhamos todos em duas carroças de parelha para o sítio dos Almagens (S. Brás de Alportel) onde ele tinha propriedades. Começávamos a trabalhar ao nascer do sol e deixávamos quando ele se punha. Quando chegávamos a casa, comíamos qualquer coisa e mal dormíamos um bocadinho... Era uma vida de escravidão!*¹⁰¹

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira 27/4/1929

*Os almeixares faziam-se assim no jeito de uma eira. Ia-se buscar lenha de aro e bardava-se tudo de roda que era para que não roubassem o que lá estava. Deixavam lá um cão para guardar aquilo. Outras dormiam lá e tudo, que era para que não roubassem o almeixar. Usava-se para secar o figo, o milho e outras coisas.*¹⁰²

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

98 FB03-MVI-1001-0505, 31.47

99 FB21-MBP-1005-4005, 16.10

100 Peça em ferro que ao ser batida emite um som audível a grande distância.

101 FB05-ACR-1002-0507, 11.53

102 FB12-EBT-1004-0605, 23.25

*Boletas aveladas - as pessoas guardavam-nas para o Inverno. Antigamente chamávamos boletas às bolotas. Punnham-se numa varanda dentro duma bandeja até ficarem amarelinhas. Aquilo levava vários dias até avelarem. Também se usavam cozidas e assadas, mas para serem comidas logo.*¹⁰³

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

*A oferta dos ramos. No tempo do Padre Jacinto, faziam-se aquelas festas para oferecer ramos, quer dizer, tabuleiros, com bons pães, peixe frito, pasteis, um franganito cerejado ou um coelhinho ou lombinho de porco com ameijoas. As pessoas depois, as que tinham dinheiro e queriam levar o seu ramo, compravam-no outra vez e voltavam-no a oferecer. Era para a festa, para atirar foguetes. Aquilo ia a leilão e rendia muito dinheiro naquela altura. Depois, no fim, era um bailinho. Vinha um homem com o foles para tocar. Isto acontecia no Verão. As pessoas das hortas ofereciam aquelas grandes melancias...*¹⁰⁴

Maria Bexiga Pires
n. Barreiras Brancas, 1922

*Os Pobres de Monte Gordo chegavam à porta a pedir esmola com um pau do tamanho deles e um cesto. Vinham descalços ou com alpercatas e usavam uma grande capa. Cantavam o Bendito Louvado e nós dávamo-lhes qualquer coisinha. A palavra de agradecimento dos Pobres de Monte Gordo era: "Deus lhe dê muita sorte e muita saúde. Deus a livre do invejoso e do mau vizinho ao pé da porta."*¹⁰⁵

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira, 1929

*Pelos fins de Agosto, apanhava-se a fava de restolho. Dizia-se que era o tempo da fava seca. Apareciam os Pobres de Monte Gordo, todos remendados, mal arranjadinhos e descalços, a cantar de porta em porta... Era quando havia fartura de frutos secos. No tempo da fava seca, toda a gente tinha um almeixar de fava. Dávamo-lhes uma mão-cheia de figos secos, de favas...*¹⁰⁶

Maria de Sousa
n. Benatrite, 1912

Os longos dias do Verão e a abundância de trabalho forçavam a ausências prolongadas. Porém, qualquer que fosse a altura do ano, ao sair de casa era costume proferir uma prece ou murmurar um simples pensamento que transmitisse o desejo de uma jornada favorável e um regresso sem percalços.

103 FB12-EBT-1004-0605, 10.23

104 FB21-MBP-1002-0405, 25.02

105 FB05-ACR-1001-0507, 25.35

106 FB04-MSO-1002-0505, 13.30

*O Senhor nos acompanhe por bons caminhos.*¹⁰⁷

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira, 1929

*Louvado seja o poder
Louvado seja a sabedoria
Louvado seja o poder de Deus
Louvada seja a Virgem Maria*¹⁰⁸

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

2.8. Em Setembro fazia-se a ceira dos figos moles...

A partir de 29 de Setembro, dia de S. Miguel, já se podia ir ao rabisco. Era sagrado. Os donos já sabiam, e nos anos em que o fruto atrasava, apanhavam tudo à pressa, com os figos ainda inchados...

*O figo apanhava-se entre Agosto e Setembro. A temporada acabava pelo S. Miguel. A partir daí era livre. As figueiras passavam a ser de todos e começava o rabisco. Os moços estavam sempre à espera do S. Miguel para irem ao figo. A partir do momento que o dono varejava as árvores, toda a gente podia ir ao rabisco. Era a amêndoa, a alfarroba, a vinha... O figo (como o pão) era uma das bases da alimentação. Secavam-se nas açoteias ou no almeixar em esteiras de cana. O mais mole e defeituoso era para os animais. Havia o figo torrado e o figo mole. Guardavam-se os figos nas arcas. Espalmavam-se e eram acalcados pelas crianças: depois de arrumada cada camada, punha-se um pano ou saca por cima e as crianças saltavam-lhes em cima para ficar tudo muito apertado. Punham-se ervas para dar aroma - o funcho... e vai outra camada... saltava-se-lhe em cima, e assim por diante. Dava para o ano todo. Era a merenda de quem ia trabalhar para o campo, p'rá lavoura. Os moços pequenos comiam figos o dia inteiro. Se os pais não guardavam a arca, chegava o fim de seis meses e já não havia figos nenhuns. Tinha de dar para o ano inteiro.*¹⁰⁹

Adolfo Pinto Contreiras
n. Gorjões, 1939

*Em Setembro, fazia-se a ceira dos figos moles que só se abria no Dia de Maio. Desde Setembro que aquilo ali estava. Os figos eram secos ao sol e lavados com azeite. Era uma ceira de empreita, cheia de figos moles, com canela, erva doce e funcho. Punham uma tampa, também de empreita, em cima e era tudo cozido com agulha e linha. Só se podia abrir no Dia de Maio.*¹¹⁰

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

107 FB05-ACR-1002-0507, 36.19

108 FB12-EBT-1004-0605, 44.05

109 FB12-APC-1001-0506, 46.00

110 FB12-EBT-1004-0605, 13.00

O tempo das colheitas exigia frequentemente aturados esforços físicos deixando, por vezes, mazelas por curar. Era a foice que fugia para os dedos, era o golpe de sol, era o nervo torcido...

*Jesus que é o Santo Nome de Jesus
Cose carne quebrada nervo torto
Nervo torto vá ao seu lugar
Carne quebrada torna a soldar
Solda a Virgem que eu coso
Eu coso pela carne, eu coso pelo osso
Melhor cose a Virgem do que eu coso
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
Padre Nosso e Ave Maria*

(Reza dita 9 vezes para cura do nervo torcido. Próximo, punha-se uma bacia com uma tesoura aberta em forma de cruz)¹¹¹

Marcelino Mendonça
n. Pé do Serro 5/1/1926

2.9. Outubro das primeiras chuvas

Fazia-se palma todo o ano, mas depois da colheita que decorre no Verão, e da secagem que ocorre durante os meses seguintes, as noites eram muitas vezes passadas a fazer empreita.

*Fazíamos empreita: alcofas, gorpelhas e quintais. Aprendi com as outras a ver, lá-mos comprar a palma a Loulé aos armazéns da palma. Também apanhávamos a palma do mato. Era pelo Verão. Estava tudo escoiçado. Toda a gente apanhava. A obra de palma do mato era uma coisa e a obra de palma comprada era outra. A comprada era sempre mais clara, mais fina, a do mato era sempre mais escura. Havia obra de palma do mato que era mais forte.*¹¹²

Maria Inácia Filipe
n. Palhagueira, 1924



111 FB03-MME-1002-0405, 46.00

112 FB03-JMB-1001-0405, 25.47



Foto 41
Empreita de palma.
Teresa Grila cozendo gorpelhas
(1964).

Depois do frenético amealhar do Verão e enquanto não chegavam as primeiras chuvas, a vida parecia regressar a uma certa normalidade. Na lenta cadência dos dias, as *orações do deitar* parecem implorar a graça de acordar no dia seguinte...

*Padre Nosso pequenino
Tem a chave do Menino*

*Quem n'a deu, quem n'a daria
São Pedro, Santa Maria*

*Cruz em monte, cruz em fonte
O pecado não me encontre*

*Nem de noite, nem de dia
Nem ao pino do meio-dia¹¹³*

*Quatro cantinhos tem a casa
Quatro velas a arder*

*Nosso Senhor m'acompanhe
Esta noite s'eu morrer*¹¹⁴

*Jesus na boca
Jesus no peito
Jesus nesta cama
Onde é qu'm'eu deito*¹¹⁵

Maria Almerinda Cavaco Relva
n. Bordeira, 1929

*Com Deus me deito
Com Deus me levanto
Em graça de Deus Espírito Santo
Nesta cama me deito
Não sei se me levantarei
Confesso-me a Deus Senhor
Pela sua divina lei*¹¹⁶

Maria de Sousa
n. Benatrite, 1912

2.10. Em Novembro faziam-se as primeiras sementeiras...

Novembro marcava a chegada do tempo invernos. Calam as primeiras chuvas e em terras de Santa Bárbara evocava-se a Santa e outros santos contra a fúria dos elementos. Relâmpagos e trovões, fenómenos mal explicados, desde sempre impressionaram profundamente o espírito dos homens.

*Louvado seja o poder de Deus
Louvada seja a sabedoria
Louvado seja o poder de Deus
Louvada a Virgem Maria*

*O céu claro está aberto
O Senhor esta lá dentro
Entrando o Santíssimo Sacramento*¹¹⁷

Engrácia Barros Contreiras
n. Gorjões, 1917

114 FB05-ACR-1002-0507, 37,48

115 FB05-ACR-1002-0507, 35,23

116 FB04-MSO-1001-0505, 29,10

117 FB12-EBT-1001-0605, 12,06

*Em nome de Eva
Era uma madrastra*¹²²

Maria de Sousa
n. Benatrite, 1912

*O menino nasceu de noite
Podendo nascer de dia
Pelo pino da meia-noite
No rigor da noite fria*

*Jesus em tenra criança
A todos sorrindo ledo
Brincava fazendo cruces
Era esse o seu brinquedo*

*Depois quando era maior
Maiores cruces fazia
Dava aos seus mais amigos
Que o diga a Virgem Maria*

*Ao terminar sua vida
Na cruz por nós quis morrer
Na cruz dar os seus abraços
Na cruz por nós quis sofrer*

*Deveras Jesus
Amo bem a cruz*¹²³

Marcelino Mendonça
n. Pê do Serro, 1926
Morador no sítio da Igreja

O Natal significava uma refeição melhorada, os fritos, as laranjas oferecidas às crianças e, acima de tudo, a Missa do Galo. Aqui e ali cantava-se ao Menino.

Na noite da Missa do Galo, véspera de Natal, pelas 11.30, ia tudo à missa. Na missa, o padre nomeava para cada sítio, três mordomos para irem pedir para as almas. Depois a gente escolhia uns dias que nos apetecesse e tivéssemos vagar. E andava-se de porta em porta a pedir. Levava-se um papel passado pelo padre. Uns davam dinheiro outros não davam. Perguntava-se se faziam ramos. Depois combinava-se um Domingo para o padre anunciar quando se iria fazer a mesa dos ramos.

122 FB04-MSO-1002-0505, 07.11

123 FB03-MME-1002-0405, 02.32

Na Quaresma, no Domingo de Ramos, fazia-se uma bancada com as coisas todas que ofereciam. Davam os ramos com garrafas de vinho, chouriças, ovos; muitos davam uns tabuleiros com galinhas e muitas coisas. Depois andavam dois homens com os tabuleiros. Os maiores tabuleiros eram os dos mordomos. Com garrafas de vinho, chouriça, pão, frango.¹²⁴

Marcelino Mendonça
n. Pé do Serro, 1926
Morador no sítio da Igreja

Este conjunto de testemunhos representam um quotidiano multissecular que se alterou significativa e irreversivelmente. Guardadas ainda na memória de alguns, essas vivências e práticas passadas apresentam-se hoje como trechos da História recente indispensáveis ao entendimento de como o território de Santa Bárbara se foi construindo, de como as suas gentes foram superando as agruras da terra e da vida. Como tal, fazem parte de um Património humano que importa registar para o futuro, porque constituem muito do que define a sua identidade.

124 FB03-MME-1002-0405, 59.36